



Noites Brancas

FIÓDOR
DOSTOIEVSKI

Veríssimo

Noites Brancas

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

Tradução Studio Libras e Letras

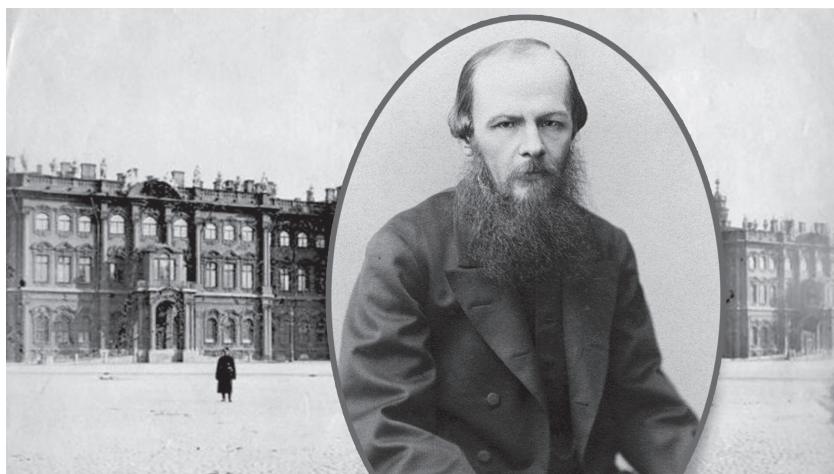
Veríssimo

Georg Meißner

PREFÁCIO HISTÓRICO

Dostoiévski e as Noites Brancas de São Petersburgo (1848)

Noites Brancas foi publicada pela primeira vez em 1848, na revista *Otechestvennye Zapiski*, quando Fiódor Dostoiévski tinha apenas 27 anos. Trata-se de uma das obras mais líricas e delicadas da fase inicial de sua carreira — um “romance sentimental das recordações de um sonhador” —, escrito pouco antes dos acontecimentos que marcariam profundamente sua vida e sua visão de mundo.



Fiódor Dostoiévski diante de uma imagem da São Petersburgo do século XIX.

O ano de 1848 foi um dos mais turbulentos da Europa. Enquanto a “Primavera dos Povos” agitava Paris, Viena, Berlim e outras capitais com revoluções liberais e nacionalistas, a Rússia do czar Nicolau

permanecia sob um regime de rígida vigilância e repressão. Foi nesse contexto que Dostoiévski frequentava o Círculo de Petrashevsky, um grupo de intelectuais de São Petersburgo (também chamado simplesmente de Petersburgo) que se reunia às sextas-feiras para discutir ideias de socialismo utópico, literatura francesa e reformas sociais. Embora as discussões fossem, em grande parte, teóricas, o ambiente de efervescência intelectual e a presença de figuras mais radicais influenciaram o jovem escritor. No ano seguinte, em 1849, muitos membros do círculo, incluindo Dostoiévski, seriam presos, submetidos a um simulacro de execução e condenados à Sibéria — experiência que transformaria para sempre sua obra.



Dostoiévski em 1863, um ano antes da publicação de *Memórias do subsolo*. A obra marcaria uma inflexão em sua trajetória literária, antecipando temas psicológicos e filosóficos que seriam aprofundados em romances como *Crime e castigo* e *Os irmãos Karamázov*.

Noites Brancas, porém, ainda pertence ao período anterior a esse trauma. É uma história íntima, quase poética, que contrasta com o realismo

social mais cru que viria depois. O subtítulo “romance sentimental” dialoga deliberadamente com a tradição literária do século XVIII e início do XIX — autores como Rousseau, Laurence Sterne e o russo Nikolai Karamzin —, que valorizavam a sensibilidade, as emoções puras e o mundo interior dos sentimentos. Dostoiévski usa o termo com uma mistura de carinho e leve ironia: o livro celebra o sonho romântico ao mesmo tempo que revela sua fragilidade e brevidade.



São Petersburgo, vista do chamado Pequeno Canal, em cartão-postal antigo.

O cenário da novela é tão importante quanto os personagens. A ação se passa durante as famosas *Noites Brancas* de São Petersburgo, fenômeno astronômico que ocorre entre meados de maio e meados de julho, quando, devido à alta latitude da cidade (quase 60° norte), o sol mal se põe e o céu permanece em um crepúsculo claro ou penumbra leitosa durante toda a “noite”. Essa luz difusa e irreal cria uma atmosfera onírica, quase mágica, que dissolve as fronteiras entre sonho e realidade — ambiente perfeito para o protagonista, um jovem solitário que vive mais em suas fantasias literárias do que no mundo concreto.



Canal em São Petersburgo, registrado em cartão-postal antigo.

São Petersburgo, fundada por Pedro, o Grande, em 1703 sobre pântanos e ilhas do rio Neva, era então a capital do Império Russo e a “janela para a Europa”. Seus canais artificiais (como a Fontanka), pontes graciosas, o grandioso Nevsky Prospekt e as “ilhas” de veraneio formavam um cenário ao mesmo tempo majestoso e artificial. Dostoiévski, que morou na cidade por longos períodos, transforma essa Petersburgo em personagem viva: uma cidade de beleza europeizada, mas também de solidão urbana, onde o indivíduo pode caminhar anonimamente entre palácios e casas modestas, perdido em devaneios.

O narrador — o *Sonhador* — encarna um tipo psicológico recorrente na obra inicial de Dostoiévski: o homem sensível e isolado que constrói castelos no ar, alimentado por leituras românticas, e que, por um breve instante, encontra na realidade um eco de seus sonhos. A história de seu encontro com Nastenka durante quatro noites brancas é simples na trama, mas profunda na exploração da ilusão, da esperança súbita e do inevitável despertar. É uma narrativa de amor efêmero, ternura e

melancolia, escrita com uma delicadeza que o próprio Dostoiévski raramente repetiria em obras posteriores.



Mstislav Dobujinski, *Fortaleza de Pedro e Paulo*, 1923. Litografia do álbum *Petersburgo em 1921*, no qual o artista registrou a capital russa transformada pelos anos de revolução e guerra. Vista do rio Neva, a fortaleza permanece monumental sob um céu turbulento, enquanto embarcações, mastros e fumaça revelam uma cidade ainda em movimento.

Mais de 170 anos depois, *Noites Brancas* continua a encantar leitores justamente por essa combinação única: o romantismo sincero aliado à percepção psicológica aguda que faria de Dostoiévski um dos maiores analistas da alma humana. Nesta edição, com nova tradução, notas explicativas e ilustrações de época, buscamos devolver ao leitor brasileiro algo da atmosfera original — a luz difusa das noites de Petersburgo, o



Mapa de São Petersburgo desenhado por William Barnard Clarke e gravado por Benjamin Rees Davies, 1834. O plano evidencia a geografia insular da capital russa, organizada em torno dos diferentes braços do rio Neva.

Elaborado pelo organizador com base em fontes em domínio público, incluindo a introdução e o texto da edição de Constance Garnett (*White Nights and Other Stories*, 1918), descrições históricas de São Petersburgo do século XIX e biografias clássicas de Dostoiévski publicadas até 1928.



NOTAS DA EDIÇÃO

Esta tradução de *Noites Brancas* tem como base principal a versão inglesa clássica de Constance Garnett (1918), cotejada diretamente com o texto original russo de 1848 (*Белые ночи*). O objetivo foi preservar o espírito, a voz, o ritmo, a ironia sutil e a emoção profunda de Dostoiévski, ao mesmo tempo que se oferece ao leitor brasileiro um português contemporâneo, literário e fluido — capaz de transmitir a melancolia poética e o anseio romântico que marcam a novela.

As **notas de rodapé** explicam referências culturais, geográficas e históricas (como os canais de São Petersburgo, pontes e costumes da época), enriquecendo a leitura sem interromper o fluxo narrativo. Elas são intencionalmente concisas e objetivas.

Que esta edição permita ao leitor sentir a magia única das *Noites Brancas* de Petersburgo, onde a luz difusa dissolve as fronteiras entre sonho e realidade, e onde um breve encontro pode iluminar — ainda que por poucos dias — a solidão de um coração.

Os Editores



Primeira noite







Era uma noite maravilhosa, uma daquelas noites que só são possíveis quando somos jovens, caro leitor. O céu estava tão estrelado, tão luminoso, que, ao contemplá-lo, era impossível não se perguntar se pessoas mal-humoradas e caprichosas poderiam viver sob um céu assim. É uma pergunta juvenil também, caro leitor, muito juvenil, mas que o Senhor a coloque mais vezes em seu coração!...

Falando de pessoas caprichosas e mal-humoradas, não posso deixar de recordar meu estado de espírito durante todo aquele dia. Desde cedo, uma estranha melancolia me oprimia. De repente, pareceu-me que eu estava sozinho, que todos me abandonavam e se afastavam de mim. Claro, qualquer um tem o direito de perguntar quem eram esses “todos”. Pois, embora eu vivesse em São Petersburgo havia quase oito anos, mal tinha uma única conhecida. Mas de que me serviriam conhecidos? Eu conhecia toda Petersburgo como ela era; por isso, sentia como se todos me desertassem quando toda Petersburgo arrumava as malas e partia para suas casas de veraneio. Temia ficar sozinho e, durante três dias inteiros, vaguei pela cidade em profunda desolação, sem saber o que fazer de mim mesmo.

Quer eu caminhasse pela Nevsky¹, fosse aos Jardins ou passeasse pelo cais, não via um único rosto daqueles a que me habituara a encontrar no mesmo horário e lugar durante o ano todo. Eles, claro, não me conhecem, mas eu os conheço. Conheço-os intimamente, quase estudei seus rostos, e me alegro quando estão alegres, e fico abatido quando estão sombrios. Quase estabeleci uma amizade com um velhinho que encontro todos os

1 A Perspectiva Nevsky, o Jardim de Verão e os cais do Neva são os três mais belos itinerários de São Petersburgo.

benditos dias, à mesma hora, no Fontanka². Um rosto grave, pensativo; ele sempre murmura consigo mesmo e gesticula com o braço esquerdo, enquanto na mão direita segura uma longa bengala nodosa com um punho dourado. Ele até me nota e demonstra um interesse caloroso por mim. Se por acaso não estou no mesmo ponto do Fontanka em determinado horário, tenho certeza de que ele fica desapontado. É assim que quase nos cumprimentamos, especialmente quando estamos ambos de bom humor. Outro dia, como não nos vimos por dois dias e nos encontramos no terceiro, chegamos a levar a mão ao chapéu, mas, percebendo a tempo, baixamos as mãos e passamos um pelo outro com um olhar de interesse.

Conheço também as casas. Enquanto caminho, elas parecem correr à minha frente nas ruas para me espiar de cada janela e quase dizer: “Bom dia! Como vai? Estou muito bem, graças a Deus, e vou ganhar um novo andar em maio”, ou “Como vai? Vou ser redecorada amanhã”; ou “Quase fui queimada e levei um susto terrível”, e assim por diante.

Tenho minhas favoritas entre elas, algumas são amigas queridas; uma delas pretende ser tratada pelo arquiteto neste verão. Irei todos os dias de propósito para ver se a operação não falha. Deus me livre!

Mas nunca esquecerei um incidente com uma casinha muito bonita, de cor rosa-claro. Era uma charmosa casinha de tijolos, que me olhava com tanta hospitalidade e tão orgulhosa de seus vizinhos desajeitados, que meu coração se alegrava sempre que eu passava por ela. De repente, na semana passada, caminhei pela rua e, ao olhar para minha amiga, ouvi um lamento: “Estão me pintando de amarelo!”. Os vilões! Os bárbaros! Não pouparam nada, nem colunas, nem cornijas, e minha pobre amiga ficou amarela como um canário. Quase me deu bile. E até hoje não tive coragem de visitar minha pobre amiga desfigurada, pintada da cor do Império Celestial³.

2 Fontanka: canal artificial em São Petersburgo, construído no século XVIII. Uma das vias aquáticas mais importantes da cidade, margeada por palácios, pontes e casas. O narrador menciona caminhar ao longo da Fontanka como parte de sua rotina solitária. O canal simboliza tanto a beleza quanto a melancolia da cidade.

3 Império Celestial: antiga designação europeia para a China, associada à ideia do imperador chinês como “Filho do Céu”. Aqui, a expressão é usada de forma irônica para se referir ao amarelo intenso com que a casa foi pintada.

Agora você entende, leitor, em que sentido conheço toda Petersburgo.

Já mencionei que me senti inquieto por três dias inteiros antes de adivinhar a causa de minha inquietação. E me sentia mal na rua — este havia partido e aquele também, e o que acontecera com o outro? — e em casa também não me sentia eu mesmo. Durante duas noites, fiquei quebrando a cabeça para descobrir o que havia de errado em meu canto; por que me sentia tão desconfortável nele. E, perplexo, examinei minhas paredes verdes sujas, o teto coberto de teias de aranha, cujo crescimento Matriona incentivara com tanto sucesso. Olhei todos os meus móveis, examinei cada cadeira, perguntando-me se o problema não estaria ali (pois se uma cadeira não está no mesmo lugar do dia anterior, não sou eu mesmo). Olhei pela janela, mas foi em vão... Não melhorei nem um pouco! Cheguei até a pensar em chamar Matriona e lhe dar algumas admoestações paternas sobre as teias de aranha e a desleixada sujeira em geral; mas ela simplesmente me olhou espantada e saiu sem dizer uma palavra, de modo que a teia de aranha continua pendurada confortavelmente em seu lugar até hoje. Só esta manhã, finalmente, percebi o que havia de errado. Ai! Ora, eles estão me dando o cano e fugindo para suas casas de veraneio!

Perdoe a trivialidade da expressão, mas não estou com humor para linguagem fina... pois tudo o que havia em São Petersburgo tinha partido ou estava partindo para as férias; pois todo cavalheiro respeitável de aparência digna que pegava um coche transformava-se, aos meus olhos, em um respeitável chefe de família que, depois de cumpridas suas obrigações diárias, dirigia-se ao seio de sua família, à casa de veraneio; pois todos os transeuntes agora tinham um ar peculiar que parecia dizer a todos que encontravam: “Estamos aqui só por um momento, senhores, e em mais duas horas estaremos partindo para a casa de veraneio”. Se uma janela se abria depois que dedos delicados, brancos como neve, batiam na vidraça, e a cabeça de uma moça bonita era enfiada para fora, chamando um vendedor de rua com vasos de flores — imediatamente, no mesmo instante, eu imaginava que aquelas flores não eram compradas simplesmente para desfrutar das flores e da primavera em alojamentos abafados da cidade, mas porque todos logo se mudariam para o campo e poderiam levar as flores consigo.

Mais ainda, fiz tanto progresso nesse meu novo tipo peculiar de investigação que conseguia distinguir corretamente, só pelo ar de cada um, em que casa de veraneio ele morava. Os habitantes das ilhas⁴ Kamenny e Aptekarsky ou da estrada de Peterhof eram marcados pela elegância estudada de seus modos, por seus trajes de verão na moda e pelas belas carruagens em que vinham à cidade. Os visitantes de Pargolovo e lugares mais distantes impressionavam à primeira vista por seu ar razoável e digno; o excursionista à ilha Krestovsky podia ser reconhecido por seu ar de alegria irreprimível.

Se por acaso eu encontrasse uma longa procissão de carroceiros caminhando preguiçosamente com as rédeas nas mãos ao lado de carroças carregadas de verdadeiras montanhas de móveis, mesas, cadeiras, otomanas e sofás e utensílios domésticos de todos os tipos, frequentemente com uma cozinheira decrépita sentada no topo de tudo, guardando os bens de seu patrão como a menina dos seus olhos; ou se visse barcos pesadamente carregados com bens domésticos rastejando pelo Neva ou pelo Fontanka em direção ao Rio Negro ou às Ilhas — as carroças e os barcos se multiplicavam dez vezes, cem vezes, aos meus olhos. Eu imaginava que tudo estava em movimento, tudo partia em caravanas regulares para as casas de veraneio. Parecia que Petersburgo ameaçava tornar-se um deserto, de modo que, por fim, senti-me envergonhado, mortificado e triste por não ter para onde ir nas férias e nenhum motivo para partir. Eu estava pronto para partir com cada carroça, para ir embora com cada cavaleiro de aparência respeitável que pegava um coche; mas ninguém — absolutamente ninguém — me convidou; parecia que haviam me esquecido, como se eu fosse realmente um estranho para eles!

Dei longos passeios, conseguindo, como de costume, esquecer completamente onde estava, quando de repente me vi nos portões da

4 Ilhas situadas no delta do rio Neva, em São Petersburgo. No século XIX, sobretudo durante o verão, eram procuradas como áreas de passeio e veraneio. Kamenny era associada à aristocracia e às residências elegantes; Aptekarsky, mais próxima da cidade, reunia jardins e propriedades; Krestovsky tinha caráter mais recreativo e popular. A estrada de Peterhof e Pargolovo também conduziam a zonas campestres frequentadas pelos habitantes da capital durante a estação quente.

cidade. Imediatamente senti-me leve e passei a barreira e caminhei entre campos cultivados e prados, inconsciente da fadiga e sentindo apenas que um peso caía de minha alma. Todos os transeuntes me davam olhares tão amigáveis que pareciam quase me saudar, todos pareciam tão satisfeitos com alguma coisa. Todos fumavam charutos, cada um deles. E eu me sentia satisfeito como nunca. Era como se de repente eu me encontrasse na Itália — tão forte era o efeito da natureza sobre um cidadão meio doente como eu, quase sufocado entre paredes da cidade.

Há algo de inexprimivelmente comovente na natureza dos arredores de Petersburgo, quando, com a chegada da primavera, ela reúne todas as suas forças, todo o vigor que o Céu lhe concedeu, cobre-se de folhas, enfeitase e se salpica de flores... Não sei por quê, mas isso sempre me faz lembrar uma moça frágil e tísica, para quem às vezes se olha com compaixão, às vezes com uma afeição enternecida, e que em outras ocasiões simplesmente passa despercebida; até que, de repente, num único instante, como que por acaso, ela se torna inexplicavelmente bela e encantadora. E então, impressionado, quase embriagado, não se pode deixar de perguntar: que força fez aqueles olhos tristes e pensativos brilharem com tamanho fogo? O que fez o sangue subir àquelas faces pálidas e abatidas? O que banhou de paixão aqueles traços delicados? O que fez aquele peito arfar? O que trouxe tão subitamente força, vida e beleza ao rosto da pobre moça, iluminando-o com um sorriso tão radiante, incendiando-o com um riso tão vivo e cintilante? Você olha ao redor, procura alguém, tenta adivinhar... Mas o instante passa e, no dia seguinte, talvez você encontre novamente o mesmo olhar pensativo e preocupado de antes, o mesmo rosto pálido, os mesmos gestos dóceis e tímidos, e até sinais de remorso, vestígios de uma angústia mortal e de pesar por aquela distração passageira... E você se entristece porque aquela beleza momentânea se apagou tão depressa, para nunca mais voltar; porque brilhou diante de você de modo tão traiçoeiro e inútil; entristece-se porque nem sequer teve tempo de amá-la...

E, no entanto, minha noite foi melhor que meu dia! Foi assim que aconteceu.

Voltei para a cidade muito tarde, e já haviam soado dez horas quando eu me dirigia para meus alojamentos. Meu caminho passava pelo

cais do canal, onde àquela hora nunca se encontra uma alma. É verdade que moro em uma parte muito remota da cidade. Eu caminhava cantando, pois quando estou feliz sempre canto baixinho para mim mesmo, como todo homem feliz que não tem amigo ou conhecido com quem compartilhar sua alegria. De repente, tive uma aventura totalmente inesperada.

Apoiada na grade do canal estava uma mulher com os cotovelos no parapeito, aparentemente olhando com grande atenção para a água lamacenta do canal. Ela usava um chapéu amarelo muito charmoso e uma mantilha preta alegre. “É uma moça, e tenho certeza de que é morena”, pensei. Ela não parecia ouvir meus passos e nem se mexeu quando passei com a respiração contida e o coração batendo alto.

“Estranho”, pensei; “ela deve estar profundamente absorta em algo”, e de repente parei como que petrificado. Ouvi um soluço abafado. Sim! Não me enganei, a moça estava chorando, e um minuto depois ouvi soluço após soluço. Meu Deus! Meu coração afundou. E tímido como eu era com as mulheres, ainda assim aquele era um momento!... Virei-me, dei um passo em direção a ela e certamente teria pronunciado a palavra “Senhora!” se não soubesse que essa exclamação já foi proferida mil vezes em todo romance russo de sociedade. Foi só essa reflexão que me deteve. Mas enquanto eu procurava uma palavra, a moça voltou a si, olhou ao redor, sobressaltou-se, baixou os olhos e passou por mim ao longo do cais. Imediatamente a segui; mas ela, adivinhando isso, deixou o cais, atravessou a rua e caminhou pela calçada. Não ousei atravessar a rua atrás dela. Meu coração batia como um pássaro capturado. De repente, uma chance veio em meu auxílio.

Do mesmo lado da calçada, surgiu de repente, não muito longe da moça, um cavalheiro em traje de noite, de idade digna, embora de modo algum com porte digno; ele cambaleava e se apoiava cautelosamente na parede. A moça voou reta como uma flecha, com a pressa tímida que se vê em todas as moças que não querem que ninguém se ofereça para acompanhá-las para casa à noite, e sem dúvida o cavalheiro cambaleante não a teria perseguido se minha boa sorte não o tivesse incitado.

De repente, sem dizer uma palavra a ninguém, o cavalheiro partiu e voou a toda velocidade atrás de minha dama desconhecida. Ela corria

como o vento, mas o cavalheiro cambaleante a alcançava — alcançou-a. A moça soltou um grito, e... eu bendigo minha sorte pela excelente bengala nodosa que, por acaso, estava em minha mão direita naquele momento. Num piscar de olhos, eu estava do outro lado da rua; num piscar de olhos, o cavalheiro importuno percebeu a situação, compreendeu o argumento irresistível, recuou sem uma palavra e só quando estávamos muito longe protestou contra minha ação em linguagem bastante vigorosa. Mas suas palavras mal nos alcançaram.

— Dê-me seu braço — eu disse à moça. — E ele não ousará nos incomodar mais.

Ela pegou meu braço sem dizer uma palavra, ainda tremendo de excitação e terror. Oh, cavalheiro importuno! Como eu o bendisse naquele momento! Roubei um olhar para ela: ela era muito charmosa e morena — eu havia adivinhado certo.

Em seus cílios negros ainda brilhava uma lágrima — de seu terror recente ou de sua dor anterior — não sei. Mas já havia um brilho de sorriso em seus lábios. Ela também roubou um olhar para mim, corou levemente e baixou os olhos.

— Veja, por que você me afastou? Se eu estivesse aqui, nada teria acontecido...

— Mas eu não o conhecia; pensei que você também...

— Ora, agora você me conhece?

— Um pouco! Aqui, por exemplo, por que você está tremendo?

— Oh, você acertou na primeira tentativa! — respondi, encantado que minha moça tivesse inteligência; isso nunca é demais em companhia da beleza. — Sim, desde o primeiro olhar você adivinhou o tipo de homem com quem está lidando. Precisamente; sou tímido com as mulheres, estou agitado, não nego, tanto quanto você estava um minuto atrás quando aquele cavalheiro a alarmou. Agora também estou um pouco alarmado. É como um sonho, e nunca imaginei nem em meu sono que um dia conversaria com alguma mulher.

— O quê? Sério?...

— Sim; se meu braço treme, é porque nunca foi segurado por uma pequena mão bonita como a sua. Sou um completo estranho para as mulheres; isto é, nunca me acostumei com elas. Veja, estou sozinho...

Nem sei como falar com elas. Aqui, agora não sei se não disse algo bobo para você. Diga-me francamente; asseguro-lhe de antemão que não sou rápido em me ofender?...

— Não, nada, nada, pelo contrário. E se você insiste em que eu fale francamente, direi que as mulheres gostam dessa timidez; e se quiser saber mais, eu também gosto, e não o afastarei até chegar em casa.

— Você me fará — eu disse, sem fôlego de deleite — perder minha timidez, e então adeus a todas as minhas chances...

— Chances! Chances de quê? Isso não é tão bonito.

— Peço desculpas, sinto muito, foi um deslize da língua; mas como você pode esperar que alguém, em tal momento, não tenha desejo...

— De agradar...?

— Bem, sim; mas, por favor, seja gentil. Pense no que sou! Aqui, tenho vinte e seis anos e nunca vi ninguém. Como posso falar bem, com tato e ao ponto? Parecerá melhor para você quando eu lhe contar tudo abertamente... Não sei como ficar em silêncio quando meu coração está falando. Bem, não importa... Acredite em mim, nem uma única mulher, nunca, nunca! Nenhum conhecido de qualquer tipo! E eu não faço nada além de sonhar todo dia que finalmente encontrarei alguém. Oh, se você soubesse quantas vezes me apaixonei assim...

— Como? Por quem?...

— Ora, por ninguém, por um ideal, pela que sonho em meu sono. Faço romances regulares em meus sonhos. Ah, você não me conhece! É verdade, claro, encontrei duas ou três mulheres, mas que tipo de mulheres eram? Eram todas senhorias, isso... Mas vou fazê-la rir se lhe disser que várias vezes pensei em falar, simplesmente falar, com alguma dama aristocrática na rua, quando ela estivesse sozinha, nem preciso dizer; falar com ela, claro, timidamente, respeitosamente, apaixonadamente; dizer-lhe que estou perecendo na solidão, implorar-lhe que não me afaste; dizer que não tenho chance de conhecer nenhuma mulher; impressioná-la com que é um dever positivo para uma mulher não repelir uma prece tão tímida de um homem tão infeliz como eu. Que, na verdade, tudo o que peço é que ela diga duas ou três palavras fraternas com simpatia, que não me repila à primeira vista; que me tome sob confiança e ouça o que digo; que ria de mim se quiser, me

encoraje, diga duas palavras para mim, só duas palavras, mesmo que nunca mais nos encontremos depois!... Mas você está rindo; no entanto, é por isso que estou lhe contando...

— Não se aborreça; só estou rindo de você ser seu próprio inimigo, e se você tivesse tentado, talvez tivesse conseguido, mesmo que fosse na rua; quanto mais simples, melhor... Nenhuma mulher bondosa, a menos que fosse estúpida ou, ainda mais, aborrecida com algo no momento, poderia se forçar a afastá-lo sem aquelas duas palavras que você pede tão timidamente... mas o que estou dizendo? Claro que ela o tomaria por um louco. Eu estava julgando por mim mesma; conheço bastante sobre a vida dos outros.

— Oh, obrigado! — eu exclamei. — Você não sabe o que fez por mim agora!

— Fico feliz! Fico feliz! Mas diga-me como você descobriu que eu era o tipo de mulher com quem... bem, a quem você acha digna... de atenção e amizade... na verdade, não uma senhoria como você diz? O que o fez decidir se aproximar de mim?

— O que me fez?... Mas você estava sozinha; aquele cavalheiro era muito insolente; era noite. Você deve admitir que era um dever...

— Não, não; quero dizer antes, do outro lado... Você sabe que pretendia se aproximar de mim.

— Do outro lado? Na verdade, não sei como responder; tenho medo de... Você sabe que estou feliz hoje? Caminhei cantando; saí para o campo; nunca tive momentos tão felizes. Você... talvez fosse minha imaginação... Perdoe-me pela menção; imaginei que você estava chorando, e eu... não suportava ouvir aquilo... meu coração doía... Oh, meu Deus! Certamente eu poderia me preocupar com você? Certamente não havia mal em sentir compaixão fraterna por você... Peço desculpas, eu disse compaixão... Bem, em suma, certamente você não se ofenderia com meu impulso involuntário de me aproximar de você?...

— Pare, chega, não fale mais nisso — disse a moça, baixando os olhos e apertando minha mão. — É minha culpa por ter falado nisso; mas fico feliz por não ter me enganado a seu respeito... Mas aqui estou em casa; devo descer por esta rua transversal, são dois passos daqui... Adeus, obrigada!...

— Certamente... certamente você não quer dizer... que nunca mais nos veremos?... Certamente isso não é o fim?

— Veja... — disse a moça, rindo. — No início, você só queria duas palavras, e agora... No entanto, não direi nada... talvez nos encontremos...

— Virei aqui amanhã — eu disse. — Oh, perdoe-me, já estou fazendo exigências...

— Sim, você não é muito paciente... quase está insistindo.

— Escute, escute! — interrompi-a. — Perdoe-me se eu lhe disser mais uma coisa... Digo-lhe o quê, não posso deixar de vir aqui amanhã, sou um sonhador; tenho tão pouca vida real que olho para tais momentos, como este agora, como tão raros que não posso deixar de reviver tais momentos em meus sonhos. Sonharei com você a noite toda, uma semana inteira, um ano inteiro. Certamente virei aqui amanhã, bem aqui para este lugar, exatamente na mesma hora, e serei feliz lembrando hoje. Este lugar já me é querido. Já tenho dois ou três lugares assim em Petersburgo. Uma vez derramei lágrimas sobre lembranças... como você... Quem sabe, talvez você tenha chorado dez minutos atrás sobre alguma lembrança... Mas, perdoe-me, esqueci-me novamente; talvez você tenha sido particularmente feliz aqui uma vez...

— Muito bem — disse a moça —, talvez eu venha aqui amanhã também, às dez horas. Vejo que não posso proibi-lo... O fato é que tenho de estar aqui; não imagine que estou marcando um encontro com você; digo-lhe de antemão que tenho de estar aqui por minha própria conta. Mas... bem, digo-lhe francamente, não me importo se você vier. Para começar, algo desagradável poderia acontecer como hoje, mas não importa... Em suma, eu simplesmente gostaria de vê-lo... para dizer duas palavras a você. Só, lembre-se, não pense pior de mim agora! Não pense que marco encontros tão levemente... Eu não o marcaria, exceto que... Mas que isso seja meu segredo! Só um pacto antecipado...

— Um pacto! Fale, diga-me, diga-me tudo de antemão; concordo com qualquer coisa, estou pronto para qualquer coisa — eu gritei encantado. — Respondo por mim mesmo, serei obediente, respeitoso... você me conhece...



— É justamente porque o conheço que peço que venha amanhã — disse a moça, rindo. — Conheço-o perfeitamente. Mas lembre-se de que virá na condição, em primeiro lugar (só seja bom, faça o que peço — veja, falo francamente), de não se apaixonar por mim... Isso é impossível, asseguro-lhe. Estou pronta para a amizade; aqui está minha mão..., mas você não deve se apaixonar por mim, eu lhe peço!

— Juro — eu gritei, apertando sua mão.

— Silêncio, não jure, sei que você está pronto para explodir como pólvora. Não pense mal de mim por dizer isso. Se ao menos você soubesse... Eu também não tenho ninguém a quem dizer uma palavra, cujo conselho eu possa pedir. Claro, não se procura um conselheiro na rua; mas você é uma exceção. Conheço-o como se fôssemos amigos há vinte anos... Você não me enganará, não é?...

— Você verá... a única coisa é que não sei como vou sobreviver às próximas vinte e quatro horas.

— Durma bem. Boa noite, e lembre-se de que já confiei em você. Mas você exclamou tão bem há pouco: “Certamente não se pode ser responsável por cada sentimento, mesmo pela compaixão fraterna!”. Sabe, isso foi dito de um modo tão bonito que logo me ocorreu a ideia de lhe fazer uma confidência.

— Pelo amor de Deus, faça; mas sobre o quê? O que é?

— Espere até amanhã. Enquanto isso, que isso seja um segredo. Tanto melhor para você; dará a ele um leve sabor de romance. Talvez eu lhe conte amanhã, e talvez não... Falarei um pouco mais com você antes; nos conheceremos melhor...

— Oh, sim, contarei tudo sobre mim amanhã! Mas o que aconteceu? É como se um milagre tivesse me acontecido... Meu Deus, onde estou? Vamos, diga-me, não está feliz por não ter se irritado e não me ter afastado no primeiro momento, como qualquer outra mulher teria feito? Em dois minutos, você me fez feliz para sempre. Sim, feliz; quem sabe, talvez você tenha me reconciliado comigo mesmo, resolvido minhas dúvidas!... Talvez tais momentos venham sobre mim... mas aí contarei tudo sobre isso amanhã, você saberá tudo, tudo...

— Muito bem, consinto; você começará...

— Combinado.

— Adeus, até amanhã!

— Até amanhã!

E nos separamos. Caminhei a noite toda; não consegui me decidir a ir para casa. Eu estava tão feliz... Amanhã!

